A SÁTIRA NA POESIA DE LAURINDO RABELO

Danglei de Castro Pereira (UEMS/UUNA)
danglei@uems.br
Devanir Batista da Silva (PIBIC/UEMS- UUC)
devanir_silva@hotmail.com

RESUMO

Neste trabalho, iremos abordar a diversidade da obra poética de Laurindo Rabelo com a intenção de discutir os procedimentos individuais inerentes ao seu processo de composição poética. Procuraremos dar ênfase na presença da crítica social e a incorporação do popular através do viés satírico e do humor. Como corpus específico da pesquisa foi selecionado os poemas "Adeus ao mundo" e "Epigramas". Nesses poemas procuramos verificar em que medida Rabelo estabelece um olhar satírico em face à sociedade. Lembramos que tal procedimento apontou para o fato de que a sátira e o humor em Laurindo Rabelo conduzem a uma vertente critica dentro da poesia romântica brasileira.
PALAVRAS-CHAVE: Poesia romântica, Sátira, Humor na poesia.

ABSTRACT

In this work, we will approach the diversity of the poetical workmanship of Laurindo Rabelo with the intention to discuss the individual procedures inherent to its poetical composition process. We seek for emphasizing the presence of social criticism and the incorporation of the popular one through the satirical bias and humor. The poems Adeus ao mundo and Epigramas have been selected as a specific corpus of the present research. In these poems we seek to verify how much Rabelo establishes a satirical look in relation to society. We remind that such procedure suggest the fact that satire and humor in Laurindo Rabelo lead to the critical view in Brazilian romantic poetry .
KEY-WORDS: Poetry romantic, Satire, Humor in poetry.

INTRODUÇÃO

É comum verificar nos manuais de literatura brasileira uma preocupação diacrônica "*visão diacrônica estuda não as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua (como acontece na sincronia), mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros ao longo do tempo*" no que se refere ao delineamento dos autores e obras representativos do romantismo no Brasil. Essa postura determina a fixação de autores como Gonçalves Dias, Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, entre outros como representativos de nossa tradição romântica. Sem discordarmos plenamente dessa postura, mas apontando para novos caminhos críticos na análise da diversidade romântica, nossa proposta tem por objetivo principal discutir a obra do poeta Laurindo Rabelo dentro do contexto romântico tradicionalmente delimitado pelos manuais de Literatura brasileira.

A metodologia para desenvolver o projeto previu a abordagem da diversidade da obra de Laurindo Rabelo, discutindo procedimentos individuais inerentes ao seu processo de

composição poética como a presença da crítica social e a incorporação do popular através do viés satírico, do humor e, por vezes, do erótico presente em suas composições. Podemos dizer, então, que um dos principais percursos metodológicos foi o cotejo da obra poética de Laurindo Rabelo à luz das considerações críticas apresentadas como fontes teóricas para o desenvolvimento da pesquisa.

Como resultado final da pesquisa, advogamos em favor da idéia de que Rabelo instaura um olhar crítico face à sociedade refletido em sua poesia romântica. Este procedimento comporta uma manipulação de alguns traços formativos da tradição romântica no Brasil, fato que possibilita pensar na sátira e no humor romântico como elementos constitutivos de sua poética. Dessa maneira, procuramos contribuir para uma melhor compreensão do papel do poeta nos limites do romantismo brasileiro e, nesse sentido, ampliar a discussão dos limites canônicos da poesia romântica no Brasil.

Pensando nessas colocações iremos iniciar, nas próximas seções do trabalho, a discussão dos dados coletados na pesquisa. Antes, porém, chamamos a atenção para o caráter discursivo utilizado para a organização desses dados.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A OBRA DE LAURINDO RABELO

Laurindo José da Silva Rabelo[1] nasceu no Rio de Janeiro - RJ, em 08 de julho de 1826, e faleceu na mesma cidade, em 28 de setembro de 1864. De origem humilde, filho de mestiço em cujas veias corria também sangue cigano, foi dos mais populares poetas brasileiros do seu tempo. Sua vida, acidentada e difícil, muito contribuiu para a autenticidade de sentimentos que se observa em sua obra poética, que até nos chegou desigual e reduzida. Iniciando-se na carreira eclesiástica, tendo mesmo obtido certa fama de pregador, abandonou-a em virtude da campanha que lhe teriam movido intrigantes e invejosos do seu talento e da sua inteligência; matriculou-se, então, na Escola Militar, que logo deixou em conseqüência das epigramas satíricas que, entre outros, compôs contra o filho do diretor da Escola. Órfão e sem recursos, foi graças ao generoso auxílio de amigos que se inscreveu na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, aí apenas cursou dois anos, por falta de meios para continuar os estudos; foi completá-los, sob proteção de ilustre mecenas, na Faculdade da Bahia, cidade em que confirmou e aumentou a sua reputação de poeta e improvisador e na qual conviveu com Moniz Barreto, Junqueira Freire e outros escritores da época. Diplomado voltou ao Rio para defender tese de doutoramento, tornou-se médico do Exército, casou-se (1860) e foi nomeado professor de gramática portuguesa, historia e geografia da escola preparatória anexa à escola Militar, cargo que ocupou até a morte em 1864.

[1] Trecho retirado do projeto de iniciação cientifica intitulado “O Romantismo na Poesia de Laurindo Rabelo”.

Caracterizou-o, desde os anos de estudante, a maneira espontânea e desengonçada de viver. Por sua compleição física bizarra, a imaginação popular deu-lhe o apelido de "o poeta lagartixa". Viveu na boêmia, e aquele ambiente o estimulava literariamente. Como poeta satírico, era justamente temido e respeitado; teve amigos e, também, inimigos acérrimos, por causa dessa feição do seu talento, chegando a ser perseguido. Como repentista e improvisador, era popular e bem recebido em todos os salões. Fechavam os olhos à sua indumentária desleixada, só para ouvir o poeta e ver as cintilações daquele espírito. Em muitas das suas composições vibra também a nota de melancolia. Foi cognominado "o Bocage brasileiro". Pertencia ao período romântico.

Obras: **Trovas** (1853); **Tese** apresentada e sustentada perante a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1856); **Poesias do Dr. Laurindo da Silva Rabelo**. Por Eduardo de Sá Pereira de Castro (1867); **Compêndio de gramática da língua portuguesa**, adotado pelo Governo Imperial para o uso das escolas regimentais (1867; reed. em 1872); **Obras completas** (poesia, prosa e gramática), org., intr. e notas por Osvaldo Melo Braga (1946).

HUMOR E SÁTIRA EM LAURINDO RABELO

Para podermos discutir o que é sátira levando em consideração algumas idéias de Linda Hutcheon (1989) para quem a sátira, comumente encontrada dentro do percurso paródico, “é simultaneamente moral e social no seu alcance e aperfeiçoadora na sua intenção”. E, Alfredo Bosi (1977) vê a sátira como crítica à “desordem estabelecida”, ou seja, uma espécie de utopia. Observando os dois posicionamentos, podemos pensar que o percurso satírico nasce da crise entre o sujeito e a sociedade. É por esta perspectiva que se pensa na sátira como uma releitura irônica da realidade. A ironia satírica, neste sentido, burla a realidade aparente, criando pontos de inter-relações entre o sujeito e sua interpretação do mundo, fato que reorganiza a realidade social aparente, apontando para falhas organizacionais não só no meio social como também nos valores morais e éticas envolvidos na organização de uma dada cultura. O riso e, nesta aresta, o humor e o chiste contribuem como formas de construção estilística da perspectiva satírica.

Se consideradas a concepção de Bosi (1977) verificamos que o ímpeto crítico tem uma função regeneradora dentro da sátira. A denúncia e o engajamento fazem-se presentes na medida em que uma nova ordem (satírica) transcende a função estética e a catarse momentânea, apontando para possibilidades humanas e sociais além daquelas da verossimilhança da ficção. Ou seja, a literatura pode ter um papel de provocar mudanças

sociais, mudanças religiosas, mudanças culturais, não sendo somente fruição estética, prazer, emoção, riso.

A sátira manifesta-se como arma de denúncia, um ataque à censura e a repressão (política, religiosa.), ou se impõe como uma forma de ridicularizar, diminuir, depreciar tudo aquilo que foge ao dito padrão estabelecido. O que ocorre essencialmente em Laurindo Rabelo é uma representação crítica, sempre cômica e, muitas vezes, satirizada em face de costumes, atitudes e estruturas sociais. Ou seja, na poesia de Laurindo Rabelo prepondera, conforme Cândido (2002, p. 134), não o "duro sarcasmo", mas um "devaneio balbuciante" e "lânguido quebranto".

Observamos que, o primeiro livro de Laurindo Rabelo, "Trovas", publicado na Bahia em 1853, introduz, segundo Bosi (1977, p. 209), "a predileção por uma poesia dolorosa e elegíaca, sacudida, todavia, por imprevistas risadas em composições satíricas e boêmias: o costumeiro contraponto obsceno e liberatório de todo bem sofrido stress romântico. Em outra direção, Bosi sugere uma leitura das relações culturais entre "popular" e "culto", a partir da sua poesia (em que a cadência musical previsível e de extração popular é pontuada por alguns vocábulos esparsos do léxico romântico). Para o crítico

> Creio que sua obra pode ser uma das balizas para um estudo que a nossa cultura reclama: o das relações entre a linguagem do povo, da classe média e dos grupos de prestígio nos meios urbanos. Talvez nos surpreendam as águas que se misturam quando esperaríamos ver rígidas barreiras. (BOSI, p. 115).

Feitas as considerações críticas iremos nos dedicar a discussão dos poemas "Adeus ao mundo", "Epigramas" e "O meu segredo" como forma de verificar em que medida Rabelo estabelece um olhar satírico perante a sociedade em sua poesia. Cabe lembrar que tal procedimento pretende apontar para o fato de que a sátira e o humor em Laurindo Rabelo conduzem a uma vertente crítica dentro da poesia romântica brasileira.

LAURINDO RABELO: ENTRE A TRADIÇÃO E O HUMOR

O poema "*Adeus ao Mundo*", de Laurindo Rabelo, alterna versos hexassílabos e decassílabos e, em alguns momentos, interpolações de versos tetrassílabos como em "a morte é dura". Não há constância no número de versos por estrofe e a ausência de um esquema de rimas propicia a aparição esporádica de diálogos, o que o aproxima ao gênero dramático. O encadeamento das estrofes no poema aponta para uma clareza quase didática, na qual o "eu lírico" reconhece o instante em que perde o "leme do batel da vida" deixando claro ao leitor a melancolia ao compreender a proximidade da morte.

Pensando por este prisma o poema se enquadra perfeitamente nos temas da segunda geração da poesia romântica brasileira, o desalento diante da vida e a presença da morte como elemento de libertação. As constantes alusões ao cenário pátrio, às alusões à figura materna e ao desalento da vida dão uma conotação sentimental que em muito ambienta o poema ao cenário mórbido e frágil da proximidade da morte e do lamento pela impossibilidade de regresso ao estado de pureza perdido pela distância e o exílio. Neste revelar-se moribundo o eu - lírico evidencia o estado de tristeza e vai se despedindo - ao avistar, próximo, "o porto da Eternidade" - de toda a "harmonia" do mundo sensível, até o ponto extremo em que, sabendo-se desterrado, não tem palavras com que evocar seu infortúnio, exceto o patético e monocórdio "adeus".

Laurindo Rabelo em "*Adeus ao Mundo*", por tudo isso, inscrevem-se no imaginário de época, no qual, segundo Antônio Cândido (2002, p. 134), "pessimismo, humor negro, perversidade, de mãos dadas com ternura, singeleza, doçura, nestes poetas é o que devemos procurar" (CANDIDO, 2000, p. 134).

Em "*Adeus ao mundo*", mistura-se uma poesia mais lúcida e consciente diante da realidade que se apresenta aos olhos do poeta. É neste contexto que circula a ironia e a sátira presentes na poesia de Laurindo Rabelo. Cabe lembrar, que não discordamos da melancolia presente em grande parte da poesia de Rabelo, antes trazemos uma nova face deste poeta. Nesta a sátira mescla-se ao erótico e a ironia. Em "Epigramas" podemos ter uma idéia do que acaba de ser dito.

EPIGRAMAS[2]]
(A um calvo pretensioso)

Cabeça, triste é dizê-lo!
Cabeça, que desconsolo!
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo. (p.116)

Nesta poesia Laurindo Rabelo expõe um estado emocional que em muito toca na descrição humana como forma de criticar a precariedade das idéias presentes no crânio sem vida que é apresentado. É importante lembrar que o poema, conforme visto é dedicado a "um calvo pretensioso". O poema, por sua vez, pode referir-se ao conselheiro Mariano Carlos de

[2] Poesia retirada do livro Poesias Completas de Laurindo Rabelo

Sousa Correia[3], pois ele havia contrariado Laurindo com preliminares rabugices, este, não deixando escapar a oportunidade epigramática, ataca o desafeto.

Esta informação, embora compreenda uma adequação ao contexto histórico relativo à produção do poema, ganha importância para este trabalho não pela morbidez do chiste ou xingamento feito pelo poeta ao desafeto, antes por identificar o veio satírico que perpassa a produção de Rabelo. Sua voz poética foca a realidade com vistas a identificar pontos de depreciação moral, fato observado também no desenvolvimento das referências históricas ao longo de sua poesia.

Dizem que a Morte e Maurício
Andaram na mesma escola:
A Morte mata somente;
Maurício mata e esfola. (p.117)

Nesta estrofe Laurindo Rabelo tem um olhar corrosivo diante da sociedade e do homem burguês. Por conta desta visão consciente face à realidade é que podemos encontrar em suas poesias um forte teor de crítica social e de sátira. O veio satírico que ridiculariza o indivíduo, geralmente tem o objetivo de provocar uma mudança. Ele satiriza, neste fragmento, o Dr. Maurício Nunes Garcia, professor de anatomia descritiva na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao apontar para o rigor do então professor e ao mesmo tempo prolongar essa crítica ao rigor tradicional, o poeta apresenta uma voz que destoa da ingenuidade lírica amorosa dos poetas românticos.

Cravo, rosa, em jarra fina
De ver tenho tido ensejo.
Mas, senhora, flor em tina
É a primeira vez que vejo. (p.117)

É notável a presença do lirismo sentimental, pois Laurindo tem uma visão espiritualizada da figura feminina. Mas ele usa um jogo nas palavras para ironizar a figura feminina, ele fala da rosa e do cravo em jarra fina e da senhora cujo nome é Florentina. A inversão da ingenuidade lírico amorosa, neste fragmento, remonta a constatação da fragilidade, pois conta a precariedade dos enlaces amorosos aqui metaforizados no desejo e na alusão constantes de um sentido de efemeridade do sentimento amoroso nos epigramas.

[3] Mariano Carlos de Sousa Correia era Diretor conselheiro e chefe do Corpo de Saúde do Rio de Janeiro. Ele era desses calvos que, para compor o crânio, se utilizam de uns farrapos de cabelo, estirando-os ao alto.

É importante observar que em "*Epigramas"* Laurindo Rabelo utiliza também o bom humor para expor seus sentimentos, chegando por este procedimento à sátira social, conforme as considerações de Bosi (1977).

No poema "*O meu segredo*" o eu - lírico configura, simbolicamente, o seu posicionamento íntimo diante de um destino cruel imposto ao homem pelas convenções sociais. Estaríamos, nesta percepção temática, diante da transposição do humor em sátira na poética de Rabelo. Há uma divisão de tempos logo no começo do poema, é a oposição entre dois tempos: o tempo da luz *versus* o tempo das trevas.

O tempo da luz é o tempo da infância e é anterior ao aparecimento do gênio do mal, que funciona como agente implacável de mudanças dolorosas. Os versos abaixo anunciam a chegada do anjo maligno, figuração simbólica da infelicidade.

Mandado do inferno
Por ímpio destino
Um Gênio **mali`no**
No berço me viu –
E após um instante
Haver-me encarado
Com gesto irritado,
O Gênio – o meu fado
Traçando – sorriu. (p.11)

Observamos no excerto citado que o gênio é apresentado como instrumento de desgraça do eu poético, cuja vida se torna tenebrosa e sombria a partir da sinistra anunciação. A estrofe que segue mostra o início do tempo de trevas.

Sorriu... e mudados
No mesmo momento
Que o Gênio cruento,
Cruento me viu
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram;
Meus lábios murcharam;
Meus ais começaram;
Meu pranto caiu. (p.11)

Trazendo consigo a tristeza, o anjo do inferno desencadeia um processo de fechamento: o eu lírico torna-se escravo do fatalismo e um processo de decadência se instala. Ele vê perdida a alegria pura da infância, que, como um vegetal murcho e seco caminha rumo à consciência racional. A idéia do afastamento da ingenuidade inicial pode ser confirmada na estrofe seguinte:

No peito inda verde
Secou-se a ventura
Daquela fé pura
Que a infância nos dá;
No espelho onde via

Em êxtase santo
Os risos, o encanto,
De um mundo que há tanto
Não sei onde está.

Cumpre-se, assim, a primeira profecia do gênio do mal: a felicidade míngua, murcha como vegetal sem seiva. A crença nas coisas do mundo desaparece, os horizontes se estreitam e a luz se dispersa com o advento da maturidade e o abandono à infância.

A natureza calou-se
Desde que o Gênio me viu
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha;
Tive novos pensamentos;
Tive novos sentimentos;
Criei novo coração.

Os "novos sentimentos" e o "novo coração" apontam para a consciência da mudança. Podemos notar a extrema valorização das emoções, caso presente, por exemplo, na constatação da traição da amada e na alusão ao esvaziamento das emoções pueris – segunda profecia. O que interessa, porém, para este trabalho, além da identificação ao Romantismo por meio das uma linguagem impregnada por impressões subjetivas; é a representação do duplo como forma de construção da figura humana, vista como imperfeita e fragmentária.

É esta possibilidade de leitura que contribui para a crítica social presente na poesia de Laurindo Rabelo. O lirismo subjetivo de Rabelo utiliza as convenções românticas, mas o faz por meio da consciência racional. Esta idéia pode ser verificada, no poema comentado, pela alusão a ambigüidade da figura humana. A desilusão amorosa cria o novo e nesse percurso, expõe o duplo da natureza individual do eu - lírico.

O poema termina com uma carga de emoção angustiante que é direcionada ao eu lírico que sintetiza sua trajetória de dor, enumerando suas perdas. Seu existir é colocado como um amontoado de sucessivas desilusões. A felicidade, efêmera quimérica antecede o tédio e a desgraça.

E desde então existo, mas não vivo;
Só tenho sentimento
Nesse elo fatal por onde a vida
Se prende ao sofrimento.
Vi na infância relâmpago afogado
Em negra escuridão;
De amor nas breves ditas vil mentira,
Na glória uma ilusão. (p.16)

Mesmo neste percurso temático a crítica aos valores socialmente marcados pelo poeta não se distancia completamente dos padrões românticos, mas a sua poesia um tom de

comprometimento do sujeito no processo de formação. Em Laurindo Rabelo o sujeito não é apresentado como vítima inocente do destino, mas é sua responsabilidade a construção de sua trajetória. É desta duplicidade que surge a inversão do "elo fatal" e a consciência da brevidade da ingenuidade neste poema. Rabelo compreende a fragilidade da plenitude romântica como muitos de seus coetâneos, mas o faz pela inversão irônica da responsabilidade humana sobre sua trajetória. É desta consciência que advém o desejo pela ingenuidade, perdida pela voz demoníaca que percorre o poema comentado, como metáfora da razão humana e, por conseqüência, como uma necessidade para a mudança apresentada pelo eu - lírico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar no desenvolvimento do projeto a poética de Laurindo Rabelo está vinculada à vertente romântica denominada por Ultra-Romantismo. Procuramos, na linha de leitura aqui adotada, comentar que em sua poética os aspectos sociais mantêm uma concepção cética da vida burguesa. Embora a obra esteja repleta de esquemas românticos, estes se realizam de forma peculiar, através de uma linguagem rica de recursos metafóricos e conteúdos emocionais que prolongam no sujeito poético o questionamento social.

A emoção poética de Laurindo Rabelo vem através da sensação individual apresentar a precariedade da plenitude das purezas humana. O resultado é que o eu lírico capta por meio de uma óptica subjetiva a multiplicidade das convenções e as questiona por meio do humor e da sátira.

AGRACEDIMENTOS

Agradecemos a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pela concessão de uma bolsa de Iniciação Científica de agosto de 2008 a agosto de 2009. Sem esse apoio a pesquisa ficaria comprometida**.**

REFERÊNCIAS

ALVES, C. *O belo e o disforme*. São Paulo: Edusp, 1991.

BANDEIRA, M. Românticos. In: ___. *Apresentação da poesia brasileira.* Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A,1963.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira.* São Paulo: Cultrix, 1977.

CÂNDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. 3.ed. São Paulo: Cultrix, 2000. Vol. II

CÂNDIDO, A. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2002.

CÂNDIDO, A. Dialética da malandragem. In: ____. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1991.

CASTELO, J. A. *A introdução do Romantismo no Brasil.* São Paulo: Tese mimeografada, 1950.

CAVALHEIRO, E. *Panorama da poesia brasileira.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. Vol. II.

CUNHA, F. *O Romantismo no Brasil: De Castro Alves a Sousândrade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 47-52.

GUINSBURG, J. (org.) *O Romantismo*. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia*. Ensinamento das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1989.

RABELO, Laurindo. Poesias completas de Laurindo Rabelo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.

ANEXOS

ADEUS AO MUNDO

Laurindo Rabelo

I
Já do batel da vida
Sinto tomar-me o leme a mão da morte:
E perto avisto o pôrto
Imenso nebuloso, e sempre noite,
Chamado - Eternidade!
Como é tão belo o sol! Quantas grinaldas
Não tem de mais a aurora!!
Como requinta o brilho a luz dos astros!
Como são recendentes os aromas
Que se exalam das flores! Que harmonia
Não se desfruta no cantar das aves,
No embater do mar, e das cascatas,
No sussurrar dos límpidos ribeiros,
Na natureza inteira, quando os olhos
Do moribundo, quase extintos, bebem
Seus últimos encantos!

II
Quando eu guardava, ao menos na esperança,
Para o dia seguinte o sol de um dia,
De uma noite o luar para outras noites;
Quando durar contava mais que um prado,
Mais que o mar, que a cascata erguer meu canto,
E murmurá-lo num jardim de amores;
Quando julgava a natureza minha,
Desdenhava os seus dons: ei-la vingada:
Cedo de vermes rojarei ludíbrio,
E vida alardearão fracos arbustos
Sôbre meu lar de morto! A noite, o dia,
O inverno, o verão, a primavera,
A aurora, a tarde, as nuvens, e as estrêlas,
A rir-se passarão sôbre meus ossos!
Não importa: não é perder o mundo
O que me azeda os pálidos instantes
Que conto por gemidos. Meu tormento,
Minha dor, é morrer longe da pátria,
Da mãe, e dos irmãos que tanto adoro.

III
Quando da pátria me ausentei, não tinha

Nada que lhes deixar, que lhes dissesse
O que eram eles dentro de minh'alma.
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,
Deu-me quatro sementes de saudades;
Ao meu jardim doméstico levei-as,
Cavei, reguei a terra com meu pranto,
E plantei as saudades. Soluçando
Chamei ali os meus: "Aqui vos deixo
(Disse apontando à plantação) "em flores
"Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo
"Um tesouro enterrado. Jóias, oiro,
"Riquezas, não, não tem, porém na terra
Estéril não será." Ondas de pranto
Afogaram-me a voz: houve silêncio;
Palpei de novo o chão; vi que de novo
Cavado estava! A terra se afundara,
E as sementes nadavam sobre lágrimas,
Que minha mãe e minha irmã choravam...
Replantei-as, orei, beijei a terra,
E parti... Trouxe d'alma só metade;
E o coração?... deixei-o num abraço.
IV
Certo estou de que a planta, já crescida,
Terá brotado flor. Se ao menos dado
Me fosse colher uma... ver a terra
Pelo pranto dos meus santificada!
Se uma dessas saudades enfeitar-me
Viesse a minha essa, ou meu sudário,
Ou, pela mão materna transplantada,
Encravar-me as raízes no sepulcro...
É tão pouco, meu Deus!!... Eu não vos
peço
Soberbo mausoléu, estátua augusta
De túmulo de rei. Assaz desprezo
Esses gigantes de oiro
Com entranhas de pó. Mortalha escassa
De grosseiro burel, que bordem lágrimas;
Terra só quanto baste p'ra um cadáver,
E as minhas saudades, e entre elas
Uma cruz com os braços bem abertos,
Que peça a todos preces. Terra, terra
Perto dos meus e no terrão da pátria,
É só quanto suplico.
V
A morte é dura,
Porém longe da pátria é dupla a morte.
Desgraçado do mísero, que expira
Longe dos seus, que molha a língua, seca
Pelo fogo da febre, em caldo estranho;
Que vigílias de amor não tem consigo,
Nem palavras amigas que lhe adocem
O tédio dos remédios, nem um seio,
Um seio palpitante de cuidados
Onde descanse a lânguida cabeça!
Feliz, feliz aquele, a quem não cercam
Nesse momento acerbo indiferentes
Olhos sem pranto; que na mão gelada
Sente a macia destra d'amizade
Num aperto de dor prender-lhe a vida!
Feliz o que no arfar da ânsia extrema
De desvelada irmã piedoso lenço,
Úmido de saudades vem limpar-lhe
As frias bagas dos finais suores!
Feliz o que repete a extrema prece,
Ensinada por ela, e beijar pode
O lenho do Senhor nas mãos maternas!
Desgraçado de mim!... Talvez bem cedo
Longe de mãe, de irmãos, longe da pátria
Tenha de me finar... Ramo perdido
Do tronco que o gerou, e arremessado
Por mão de Gênio mau à plaga alheia,
Mirrarei esquecido! Os céus o querem,
Os Céus são imutáveis: aos decretos
Do Senhor curvarei a fronte humilde,
Como cristão que sou. Eternidade,
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó
mundo!
VI
Já sinto da geada dos sepulcros
O pavoroso frio enregelar-me...
A campa vejo aberta, e lá do fundo
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...
Entremos. Deve haver nestes lugares
Mudança grave na mundana sorte;
Quem sempre a morte achou no lar da vida
Deve a vida encontrar no lar da morte.
Vamos. Adeus, ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus, que vou viagem de finados...
Adeus... adeus... adeus!
Adeus, ó sol que, amigo iluminaste
Meu pobre berço com os raios teus...
Ilumina-me agora a sepultura: -
Adeus, meu sol, adeus!
Florezinhas, que quando era menino
Tanto servistes aos brinquedos meus,
Vegetai, vegetai-me sobre a campa: -
Adeus, flores, adeus!
Vós, cujo canto tanto me encantava,
Da madrugada alígeros orfeus,

Uma nênia cantai-me ao pôr da tarde:
Passarinhos, adeus!
Vamos. Adeus ó mãe, irmãos, e amigos!
Adeus, terra, adeus, mares, adeus, céus!...
Adeus: que vou viagem de finados!...
Adeus!... adeus!... adeus!

EPIGRAMAS

A um calvo pretensioso

Cabeça, triste é dizê-lo!
Cabeça, que desconsolo!
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

Outras versões

Vejam só esta cabeça!
Oh! meu Deus, que desconsolo!
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

Cabeça!... Que desconsolo!
Cabeça!... Força é dizê-lo
Por fora não tem cabelo,
Por dentro não tem miolo.

Dizem que a Morte e Maurício
Andaram na mesma escola:
A Morte mata somente;
Maurício mata e esfola.

Cravo, rosa, em jarra fina
De ver tenho tido ensejo.
Mas, senhora, flor em tina
É a primeira vez que vejo.

Deus, para provar aos homens
Toda a sua autoridade,
Enviou-nos um bom tempo
Que é pior que a tempestade.

Causa pena e causa espanto,
E até mesmo causa dó
Ver morder a tanta gente
Um homem de um dente só.

Para mostrar que é um sábio
E filho de boa gente
E dos passados ministros
Ser em tudo diferente,

Sua Excelência da Guerra
Em tudo o que der à luz
Em vez de assinar de nome
Pretende assinar de cruz.

A peça Degolação
Foi mui bem representada.
Entre os muitos inocentes
Foi a peça degolada.

Cada um de nós no mundo
Fazemos nossa figura;
Tu entisicas as partes
Eu me encarrego da cura.

O meu segredo

I

O lume de sinistro fogo estranho
Que em meu olhar se acende;
A nuvem que de mágoas carregada
No rosto se me estende;

Esta agonia acerba que repassa
Os sons da minha lira;
Este céptico altivo horror ao mundo
Que em tudo meu respira;

Estas rugas, que trago sobre as faces,
Os modos distraídos,
A constante desordem do semblante,
Dos gestos, dos vestidos;

Revela tudo um segredo,
Que o mundo não sabe ler;
Segredo, que só com pranto
É que se pode escrever;

Segredo, que em meu futuro
Negro anátema cuspiu;
Segredo, que seduziu-me;

Segredo que me traiu.

Letras escritas com pranto
Sei que apagadas serão!
Sei que um segredo de mágoas
Nunca merece atenção!

Mas não importa; hoje quero.
O meu segredo escrever;
Que guardado por mais tempo
Talvez me faça morrer.

II

Mandado do inferno
Por ímpio destino,
Um gênio mali'no
No berço me viu -
E após um instante
Haver-me encarado
Com gesto irritado,
O Gênio - o meu fado
Traçando - sorriu.

Sorriu-se... e mudados
No mesmo momento
Que o Gênio cruento,
Cruento me viu,
Em negra tristeza,
Meus gostos findaram;
Meus lábios murcharam;
Meus ais começaram;
Meu pranto caiu.

No peito inda verde
Secou-se a ventura
Daquela fé pura
Que a infância nos dá;
No espelho onde via
Em êxtase santo
Os risos, o encanto,
De um mundo, que há tanto
Não sei onde está.

Em dita tão pura
Minh'alma exultava,
E quanto alcançava
Sabia explicar;

Que, além de dar crença
A tudo que ouvia,
Por certa magia,
As cousas que via,
Sentia falar.

Se às vezes tentava
Brincar com as flores,
Revendo os lavores
De um vasto jardim,
A brisa me dava,
No trânsito leve,
Um cântico breve,
Escrito na neve
De um casto jasmim.

Fugaz borboleta
Nas asas de ouro
Imenso tesouro
Deixava-me ver;
E, qual um avaro,
Sedento, inquieto,
Com ardido afeto
Atrás do inseto
Me punha a correr.

Qual boca de ninfa
Há pouco desperta,
Se rosa entreaberta
Prendia louçã,
Segredos da infância
A flor me contava,
Q'eu só escutava,
E, rindo, exclamava: -
Tu és minha irmã!...

À vista do oceano,
Imenso, ruidoso,
Que quadro assombroso
Fez meu ideal!...
Em êxtase, longo
Vi nele espantado,
Rugindo deitado,
Um monstro azulado
D'enorme cristal.

Em crua e constante,
Horríssona guerra,
In'migo da terra,
Pintou-se-me o mar-

Que fero co'as ondas
Na praia batia,
E aflito bramia,
Porque não podia
A praia arredar.

Na concha celeste
Se os olhos fitava,
Lá novos achava
Encantos também;
Nos astros eu via
De anjinhos um bando,
Que, o corpo ocultando,
Estavam-me olhando
De um mundo de além.

Eu via na lua
A casa encantada,
De luz prateada
Fugindo no ar;
Asilo somente
Da fada querida,
Que vinha escondida
A gente nascida
De noite embalar.

O sol eu amava
Da tarde na hora;
Amava-o d'aurora
No fresco arrebol.
E quando a tais horas
No mar se escondia,
P'ra ele me ria,
Julgando que via
Adeuses do sol.

III

Mas esse tempo de encantos,
Que nunca julguei ter fim,
Não é hoje para mim
Mais que morta e seca flor!...
Do gênio mau completou-se
A primeira profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

A natureza calou-se
Desde que o Gênio me viu;
Minha alma inteira sentiu
Repentina mutação,
Dei por mim em terra estranha;
Tive novos pensamentos;
Tive novos sentimentos;
Criei novo coração.

Visão do Céu... não - da terra;
Não podia ser do Céu;
Que Deus no domínio seu
Falsos arcanjos não quer;
Visão, que da natureza
Toda a graça revestia,
Por desdita vi um dia
Num semblante de mulher.

Tinha a visão tal encanto,
Que, ao vê-la, absorto fiquei;
Tanto, que não escutei
O profundo soluçar
Da inocência, que, sentindo
Da paixão a ardente calma,
Abraçada com minh'alma
Se despedia a chorar.

Vida de louco passei;
Mas achei nessa loucura
Tanto bem -tanta ventura,
Quais nunca a razão me deu;
Que, se a razão da verdade
Tem os claros resplendores,-
Amor o reino das flores
Tem todo inteiro por seu.

E a esta senda estrepada,
Que à morte os seres conduz,
O que lhe importa uma luz,
Se a não tapiza uma flor?
E se amor, além de flores,
Também possui um clarão,
Antes amor sem razão,
Do que razão sem amor.

Mas foi-se o tempo de risos
Da minha feliz loucura!...
Libei o fel da amargura
No mel de um beijo traidor!...
Do Gênio mau completou-se
A segunda profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

Dessa profunda chaga resta ainda
Dorida cicatriz: a mão do tempo
Talvez cure-a por fim; mas não tão cedo,
Que inda verte de si pútrido sangue,
Se a magoam cruéis reminiscências
De quadra tão feliz.

IV

Outro fantasma, a glória,
Da passada visão invade o posto.

Pelos mares risonhos da esperança
Ao batel do desejo abrindo as velas
Minh'alma foi buscá-lo.
De pintor bem falaz condão tem ele
Muito para temer; do entusiasmo
Nas lavas do vulcão acende o facho,
Que os desenhos lhe aclara: esposa amante,
Dá-lhe, a imaginação, seus cofres todos,
Donde tira estampas que copia
Nas telas do futuro. De seus quadros
Na beleza enlevada a viajante
Navega sem sentir.

Eis ponto negro
No azulado horizonte surge, e estende
Asas de tempestade! Às vistas magas
Reposteiro de ferro mão ignota
Rápido corre, e presto em lastro imenso
De aguçados cachopos se convertem
As aniladas ondas. Rola o lenho
Por sobre o pedregal, e mastro e leme,
Enrolados na vela espedaçada,
O sopro de um tufão some nos ares!
Rompendo a cerração espectro em osso
De repente aparece, sacudindo
Na destra uma mortalha: envolto nela
Desceu meu pai à campa!...

Musa, basta...
Pare-se um pouco aqui; nas tuas asas,
Que não neste papel, corra meu pranto...
Apara-o, anjo meu; depois os mares
Transpõe... o lar dos mortos não te assusta-
Não é assim? Pois bem, irmã querida,
Na terra -nossa mãe- suspende os vôos;
Busca a sombria região dos túmulos,
E lá, depois de um beijo dar na campa
De nosso amado pai, depõe sobre ela
Este pranto que verto.

Enfim bonança
Ímpia resplandeceu sobre os destroços
Que fez o vendaval. Único vivo,
Em pé sobre um rochedo, contemplei-os
E ri-me... e neste riso agonizou-me
A última esperança... foi a síntese
De minha vida inteira; -estreita fresta
Por onde, desmaiada e quase morta,
Minh'alma um raio morno
De prazer sepulcral mandava ao mundo.

E o Gênio, que viu meu berço,
Dentre os cachopos surgiu,
E olhando os estragos riu,
Contente de minha dor.
Do Gênio estava completa
Toda inteira a profecia:
Era o que o Gênio dizia
No seu riso mofador.

V

E desde então existo, mas não vivo;
Só tenho sentimento
Nesse elo fatal por onde a vida
Se prende ao sofrimento.

Vi na infância relâmpago afogado
Em negra escuridão;
De amor nas breves ditas vil mentira,
Na glória uma ilusão.

Eis por quê, dos prazeres desquitado,
O rosto em pranto inundo;
Tudo odeio, e pareço desposado
Com seres doutro mundo.

E na verdade o estou: pena minh'alma
Nas sombras da amargura...
Homens! fugi de mim; não vos pertenço -
Sou outra criatura.